

PERIÓDICOS

Anais do Museu Histórico Nacional, vols. 25 e 26. Rio de Janeiro, 1974/1975.

Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, vols. 1 e 2. Porto Alegre, 1977/1978.

Anuário do Museu Imperial, vols. 34/35. Petrópolis, 1977.

Boletim de Geografia Teorética, vol. 8, nº 16. Rio Claro, 1978.

Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, vols. 31, 32, 33, 35 e 36, Curitiba, 1976/79.

Faculdade: revista do Instituto Alberto Mesquita de Camargo, nºs 2 e 3. São Paulo, 1978/79.

Reflexão: Revista do Instituto de Filosofia e Teologia, vol. 3, nºs 11/12. Campinas, 1978.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, vol. 319. Rio de Janeiro, abril/junho 1978.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, tomos 111/112 Cuiabá, 1979.

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, nº 27. Aracaju, 1978.

*
* *
*

MEMÓRIA CAMPINEIRA (6)

A VILA INDUSTRIAL NO COMEÇO DO SÉCULO

Para a evocação do passado de nossa cidade no presente número, tomamos emprestado a Benedito Barbosa Pupo, de seu livro **8 bananas por um tostão**, o capítulo “A Geografia de meu bairro”, que constitui excelente e pitoresca reconstituição da **Vila Industrial** na segunda década deste século:

Ao voltar os olhos da imaginação para os meus primeiros anos de vida, o que surge na minha mente é o pátio do Leprosário administrado por meu avô, nas proximidades do Piçarrão, com a casa onde nasci, a Igreja de São Lázaro e os prédios destinados aos doentes. O bairro da Vila Industrial, em que morei a maior parte de minha infância, vem-me à memória, mais nitidamente. Até onde a memória me leva, reconstituo em meu espírito a Vila Industrial, o “Bairro dos Bucheiros”, como era chamada, surgindo diante de mim aquela “vila” de duas ruas compridas — Sales de Oliveira e Francisco Teodoro —, ligadas por pequenas ruas que iam da cerca de arame da **Paulista**, nesta última, até a primeira, que era a grande artéria do bairro, além da Avenida João Jorge, via de acesso à cidade. Tenho a impressão de que havia duas “vilas”, a nossa, que ia mais ou menos até a Rua Antônio Manuel, e a outra, dali em diante, cuja ligação com a cidade era feita pela Rua Pereira Lima. Havia certa rivalidade entre as duas “nações”, acentuando-se essa rivalidade por ocasião das disputas futebolísticas entre o Ipiranga F. C. e o Vila Industrial F. C., o primeiro do lado de cá e o segundo do lado de lá... Uma terceira ligação com a cidade, era a que se fazia transpondo o leito da **Paulista**, junto à máquina Piconi, onde hoje há um pequeno túnel. O túnel ligando a Rua Antônio Manuel à Rua Lidgerwood ainda não existia.

A Avenida João Jorge ia da Porteira do Capivara até a venda do “seu” Bernardo, situada no local em que se acha hoje a Agro Cam, proximidades do quartel do 8º B. P. Dali, ela prosseguia na forma de estrada, que se bifurcava, indo um ramo, o da direita, para o Piçarrão, e o outro, o principal, para Itu. O local onde agora se implantou o Parque Itália e o Hotel Vila Rica era conhecido como o “Pasto da Viúva”. Essa designação provinha do fato de o terreno pertencer à viúva Mota, Dª Ernestina. À esquerda da estrada, havia o campo de futebol do Ipiranga, bem junto ao Hospital de Variolosos, que ficava dentro de um quadrilátero cercado por bambus de grosso calibre, formando uma cerca impenetrável. A Vila de São Vicente de Paulo era constituída do grupo de casinhas, numa das quais para o lado da Rua Maria Soares funcionava a capela, que também era utilizada para as aulas de Dª Henriqueta de Carvalho, minha primeira professora. Só alguns anos mais tarde, as portas dessas casinhas, que davam para as ruas, foram transformadas em janelas, e o cerco do terreno em cujo centro se construiu a atual capela e a casa das irmãs de caridade, foi completado, para que o acesso às habitações fosse feito unicamente pelo portão da Rua Sales de Oliveira.

A Rua Francisco Teodoro prolongava-se ainda além da Rua Antônio Manuel, tendo casas só de um lado. Desde ponto em diante, entretanto, não havia mais casas. Do lado esquerdo de quem ia da Avenida para o pátio das oficinas da **Mogiana**, onde terminava, encontrava-se a fundição dessa ferrovia e, do outro, o pátio ferroviário da estação de Campinas. Depois de transposta a fun-

dição, a Rua Francisco Teodoro tinha trilhos, de um lado e do outro. Posteriormente, ela própria foi transformada, com a construção do túnel, em leito ferroviário para manobras. Naquele tempo não havia ainda o muro, mas sim uma cerca de arame, o que permitia uma visão ampla do pátio da estrada de ferro. Dessa cerca, a distância, assisti a parte dos funerais de Francisco Glicério.

A Sales de Oliveira, desde a Avenida João Jorge até a Rua Pereira Lima, tinha trilhos da **Tração**, por onde circulavam dois bondes, um em cada sentido, de vinte em vinte minutos cada um. Isso depois de um período em que o bonde chegava apenas até próximo ao Jardim Correia de Lemos e retornava para a cidade. Nela se localizava o “Depósito”, como era conhecido, mas que não era propriamente um depósito, mas apenas o ponto de estacionamento do bondinho, tracionado por muares na vinda do Matadouro, mas que descia por gravidade, vazio. O bondinho chegava à tarde trazendo o resultado da matança do dia que, imediatamente, era passado para o carroção fechado, também puxado a burros, distribuidor da carne aos açougues. Nesses caminhões lia-se “Carne Verde”, o que me deixava encabulado, porque eu não podia atinar a razão de a carne, sendo vermelha, pudesse ser chamada de “verde”...

Em frente ao jardim havia a entrada para o Curtume Campineiro e, logo adiante, a casa da família Rafael Pisani, que tinha ao lado uma extensa faixa de terreno ocupada por um grande parreiral. Logo a seguir, após o prolongamento da Rua Prudente de Moraes, que era a estrada para o Matadouro e para o Hospital de Morféticos, ficava a chácara Patton. Cerca de cem metros além, terminava a nossa “Vila”, pois além da Rua Antônio Manuel a “nação” era outra, a dos “Bucheiros” propriamente dita, porque o termo era aplicado a nós por extensão... À esquerda, descendo-se uma ladeira, ia-se ter ao local onde um cidadão de sobrenome Discola manipulava vísceras, rabadas, mocotós, línguas, etc..., para fornecimento à população, fazendo a distribuição desses artigos em carrinhos, puxados por um muar, cuja presença na rua era anunciada por um toque prolongado de buzina feita de chifre, daquelas que os vaqueiros chamam de “berrante”.

Do Jardim Correia de Lemos, já mencionei alguma coisa. Esqueci-me, porém, de referir-me ao grande tanque circular que havia no seu centro, no qual a molecada tomava banho, quando o **Manelis** lá não estava. O **Manelis** era o português que tomava conta do jardim, era o jardineiro. Não sei se o seu nome verdadeiro era esse, porque naquele tempo, para a turma da rua, todo português que usasse tamancos, jaleco de veludo e falasse à “moda do Reino”, tinha que se chamar **Manelis**...

Em 1919, algumas escavações foram feitas pela empresa de águas e esgotos para a colocação de encanamentos. Vi retirarem da terra, na Rua São Carlos, ossadas humanas. Ali, antes da abertura do cemitério do Fundão

(atual da “Saudade”), servira para sepultamentos, também. Quando passo pela Praça Correia de Lemos, lembro-me dos companheiros com quem me reunia nela. Do pessoal, que nela morava. Uma cousa não posso compreender: por que a praça não ocupa a quadra toda, indo até a Francisco Teodoro ?

Na Rua São Carlos, onde residi antes de mudar-me para a Avenida e, posteriormente, para a Sales de Oliveira, bem na Praça, morava uma menina, que no futuro seria grande pianista: Estelinha Epstein. Foi em 1919, creio, que conheci o futuro pintor Salvador Caruso e o futuro comerciante Argemiro Andreolli. Conheci também o homem de letras que foi Victor Caruso e o editor de um semanário, Florêncio Caruso, que residia no sobrado da esquina de São Carlos com Sales de Oliveira. O semanário era o órgão dos ferroviários da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Foi nas oficinas desse semanário, instaladas no andar térreo do sobrado, que o Salvador e o Argemiro compuseram e imprimiram um jornalzinho infantil chamado **A Gazetinha**, que só circulou uma vez... Colaborei com eles nesse jornalzinho.

Lembro-me de alguns nomes que alguns anos mais tarde estive-ram em evidência no Brasil. Um deles foi o Hugo Borghi, que fez carreira política. Outro, o Benedito Moreira Lopes, o “Toio”, grande automobilista, várias vezes campeão, sem contar Estelinha e Salvador Caruso, já mencionados. O Mário Monteiro, maestro e também compositor, ao que parece, era da Vila.

Ia-me esquecendo de mencionar um edifício importante, o da “Imigração”, como era conhecido. Quando o conheci, pertencia à **Mogiana**, em cujos terrenos se localizava. Nele morava o “seu” Lulu Monteiro com a família. “Seu” Lulu era chefe de um dos setores das oficinas da **Mogiana**. Creio que foi ali que nasceu o maestro Mário Monteiro.

Se estivesse fazendo um trabalho sistemático de Geografia, de acordo com a sua metodologia, deveria ter apresentado uma descrição dos aspectos físicos da Vila Industrial, a morfologia do sítio por ela ocupado. Como, entretanto, não tenho tal preocupação, tratei primeiramente da paisagem humanizada, isto é, daquela parte em que a Natureza foi trabalhada pelo homem, modificada em seus aspectos naturais. A parte da Vila, que conheci já urbanizada, compreendia uma faixa comprida, que se estendia ao lado da via férrea da **Paulista**, cortada pela Avenida João Jorge, já descrita. O terreno nesta parte é plano. Ao lado dessa faixa urbanizada, estendia-se outra ainda com muitos claros, ainda não ocupada pelo homem na sua totalidade. Era uma faixa acidentada, cheia de depressões, as nossas conhecidas barrocas, onde íamos caçar lagartos, na qual se localizavam os curtumes: Campineiro, na nossa zona, e Cantusio e Firmino Costa, na outra. Hoje essa faixa está quase totalmente povoada, nela se achando a Igreja de São José, matriz da paróquia da Vila Industrial, sob os cuidados de uma congregação de padres holandeses.

Eis aí, em rápidas linhas, numa visão em “vão de pássaro”, a Vila Industrial, que conheci no meu tempo de criança. Terei feito um retrato de meu bairro com exatidão? Não sei. Recorrendo à memória, procurei recompor a Vila de outros tempos, com os aspectos que consegui recordar. É possível que não seja, para os amigos da objetividade, um retrato fiel, científico, mas essa é a maneira pela qual eu vejo a “Vila” dos idos tempos de 1910 a 1920, uma vila pacata, sem o tumulto e a trepidação de hoje.

(8 bananas por um tostão, págs. 33/36. Campinas, 1976).

*

* *

TRANSCRIÇÃO

POSIÇÃO DO BRASIL FACE À ANTÁRTICA

Therezinha de Castro

O Brasil não possui nenhuma revista ou publicação especializada em assuntos antárticos, muito embora esses estudos tenham seus cultores no país e venham sendo seus artigos divulgados em publicações militares, preferentemente, entre as quais a Revista do Clube Militar, Revista MAR (do Clube Naval), Defesa Nacional (do Ministério do Exército), Cultura Militar e Boletim de Informações (ambos do Estado Maior do Exército), etc.

Participou o Brasil do AGI (Ano Geofísico Internacional) através de sua Marinha de Guerra, mas não foi admitido na Conferência de Washington de 1959, sob a alegação de não haver enviado nenhuma expedição científica ao continente antártico. Protestou o Brasil em Nota Verbal de nº 94, datada de 30 de julho de 1958, terminando esse documento cujo responsável foi o Chanceler José Carlos de Macedo Soares, e enviado à Embaixada dos Estados Unidos no Rio de Janeiro, por declarar que: “O Brasil ante o imperativo de proteger a sua segurança nacional, reservar-se-á o direito de livre acesso à Antártica, assim como o de apresentar as reivindicações que possa vir a julgar necessárias”.

No momento em que era divulgado o Tratado da Antártica (1960), publicava o IBGE, órgão ligado então diretamente à Presidência da República, no Atlas de Relações Internacionais, o primeiro mapa da Antártica